

"Engraçado, mas com ódio" ou Poema épico anticolonial

Crítica de *Jonathan*

Por Daniele Avila Small

Riso desconfiado. Sorriso descontraído, olhos atentos. Risada solta, respiração suspensa, olhos marejados. Suspiros. Vontade de nadar no mar de amor e de revolta... A viagem narrativa com o jovem Jonathan, personagem tão humano quanto fantasioso do espetáculo solo de Rafael Souza-Ribeiro, o Rafuda, que idealizou e escreveu a peça que conta com a direção de Dulce Penna, é uma montanha russa de emoções não anunciadas. Dá pra ir ver a peça sem saber nada sobre ela, caindo de parapente na plateia do teatro, mas também dá pra assistir ao espetáculo com toda a informação disponível sobre a criação e suas alusões à realidade: ainda assim, não há meios de antecipar o que a fruição da cena pode proporcionar. De algum modo, o trabalho sobre a linguagem do teatro, nesta peça, consegue estabelecer tábula rasa para começar a relação com o seu público. A graça – aqui uma combinação extravagante de graciosidade e humor – está em cada momento presente da história que está sendo contada.



Rafael Souza-Ribeiro em Jonathan. Foto: Renato Mangolin.

Escrevo esta crítica depois de ter assistido à peça duas vezes. A primeira foi em 2023, no Teatro Gláucio Gil, onde era possível ver melhor a concepção visual da encenação, que ficou um pouco comprometida no espaço reduzido do Café Pequeno na apresentação realizada no 10º Festival Midrash de Teatro. Na temporada a que assisti no ano passado, a espacialidade pensada por Dulce Penna, que faz a cenografia com Dodô Giovanetti, e a iluminação de Paulo Denizot propõem um jogo com as cores e os espaços vazios que parecem ambientar a fábula em um universo ao mesmo astronômico e subaquático, sem fazer alusão à aridez da ilha onde a ação da peça se passa. É como se, do ponto de vista do pedaço de cais ao fundo do palco, único elemento concreto na cenografia, se pudesse ver a imensidão do mar, a infinitude do céu e a capacidade de sonhar da juventude. A propósito, a escolha de ter o cais como elemento cenográfico único tem sua força simbólica.

Por outro lado, na apresentação realizada no festival, foi possível perceber que o núcleo duro da criação, a combinação do texto com a atuação, teria fôlego suficiente pra manter seu brilho até se a peça fosse apresentada ao ar livre, numa praça, sem outros recursos técnicos. Mas, para além disso, ali tive a chance de assistir à peça com a tradução em LIBRAS de Cláudia Chelque, que já tinha feito a peça em outras ocasiões, e que tem contribuído bastante, como outras profissionais da área, para uma relação de simbiose entre artistas de teatro e a comunidade surda na cidade. É para se celebrar que Cláudia tenha recebido, neste agosto de 2024, o Prêmio Especial do Júri na premiação da FETAERJ pela sua participação, como intérprete integrante do elenco da peça *Nada me aflige – Made in Favela*, do grupo Contrabando de Teatro. Em *Jonathan*, ela joga com a peça e com o público, ocupando o seu espaço como parte do espetáculo, o que se pode reparar não apenas no espelhamento que ela faz com o figurino usado pelo ator, assinado por Carla Ferraz, mas no modo como a artista articula o tempo da interpretação do texto com o tempo da sua própria atuação, a tranquilidade com a sua presença na cena e a atenção dedicada à relação com o seu público.

Endereçando-se diretamente à plateia, mas na pele do personagem Jonathan, (que Rafuda compõe e encarna com um repertório de caracterização próprio, com segurança e firmeza inquestionáveis), o ator-dramaturgo conta a breve história de uma vida inteira deste jovem habitante de uma ilha, que se torna cuidador de uma tartaruga gigante e testemunha uma virada radical nos afetos públicos do pequeno povoado que habita. É uma descoberta sobre a sexualidade da tartaruga que vira aquele mundinho de cabeça pra baixo. Dos elementos narrativos, o que parece mais verossímil é o fictício e o que parece mais surreal é o referencial tirado da realidade.

Anos atrás, uma reportagem chamou a atenção do autor. Uma tartaruga gigante em um reduto colonial numa ilha no Oceano Atlântico passava de totem exótico a motivo de assombro quando se descobriu que a outra tartaruga gigante com quem cruzava era, também, um macho. Em uma das várias reportagens sobre o assunto na internet, lê-se que, ao longo da sua vida, a tartaruga centenária passou por duas guerras mundiais, a Revolução Russa, oito monarcas britânicos e quarenta presidentes estadunidenses. Ou seja: nasceu em meio ao horror da escravidão e do genocídio de pessoas africanas e dos povos originários das Américas e continua por aqui, testemunhando as atrocidades das

mentalidades provincianas dos cidadãos de bem armados até os dentes. Enviado para a ilha de Santa Helena, o animal vive numa propriedade que tem um nome infame: Plantation House, a residência do governador local no território britânico ultramarino – no “caminho das Índias”, como dizem os livros didáticos que festejam a cruzada predatória da Europa que deu início ao que chamamos de modernidade.

O brejinho onde a tartaruga Jonathan, na peça, foi confinada e onde recebe os cuidados do jovem batizado com nome de tartaruga é um microcosmo da colonialidade. Acontece que lama é terra fértil. Talvez todo aquele tempo passado no brejinho tenha feito do garoto Jonathan um ser humano que está mais para “ser de húmus” do que para Homo sapiens, o que faz com que ele ganhe consciência de que precisa escapar do Plantationoceno.



Rafael Souza-Ribeiro em Jonathan. Foto: Renato Mangolin.

Estamos diante de uma peça de teatro que tem vários elementos de uma narrativa mítica, apresentada sem os pedestais carcomidos das obras que se desejam sérias e profundas mas só até a página dois. A face descontraída da cena guarda toda uma cosmologia, que entrelaça literatura fantástica e crítica historiográfica com cosmovisões orientais e indígenas. No contexto do festival, a abordagem de narrativas míticas já tinha aparecido antes na programação. Primeiro, com um comentário sobre o papel da mulher na constituição do imaginário ocidental a partir da *Odisseia* de Homero. Depois, com a sistematização literária do que seria a jornada de um herói, mas com uma alusão ao homem comum, sem chance de transmutação no Hades do capitalismo.

A criação de Rafael Souza-Ribeiro não é alusão nem comentário. É reescritura da História, poema épico anticolonial orgulhosamente corporalizado no rés do chão do teatro, narrado de cor, descalço e em pé, com um sotaque carioca característico de uma juventude periférica que trama sua linguagem na rua e nas redes. Sua capacidade de articulação entre humor, crítica social e ternura explode e submerge um enclave colonial no fundo do Oceano Atlântico. Homero que lute. Rafuda é rapsodo latino-americano do século XXI.

Escapativos dos cacoetes coloniais que assombram a cultura das artes, Rafuda, Dulce e a equipe de *Jonathan* criam uma peça que esbanja excelência técnica e capacidade de invenção, sambando na cara da sociedade que defende uma ideia classista do que é “qualidade” no teatro. Ou a gente luta ao lado dos Jonathans ou vamos ficar pra história como parte dos porzanas da vida, jogando golfe de meia soquete, com o mundo pegando fogo no plano de fundo da fotografia.

Daniele Avila Small é artista de teatro, crítica e curadora independente.